

5 – América latina

educação e desenvolvimento

Ruben George Oliven

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEN, RG. *Metabolismo social da cidade e outros ensaios* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 5 – América latina: educação e desenvolvimento. pp. 46-51. ISBN: 978-85-7982-012-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

5 - AMÉRICA LATINA: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Não me deterei no diagnóstico da América Latina, tarefa que exigiria um trabalho de âmbito maior que este e que já foi realizado com profundidade por diversos autores.

Parto da ideia de que a América Latina, guardadas as diversidades entre os países que a compõem, apresenta-se como um continente que se evidencia por seu atraso em relação a outras áreas. O quadro geral caracteriza-se por uma predominância econômica das atividades ligadas ao setor primário, frequentemente com hegemonia de um único bem. Má distribuição da renda, baixas oportunidades educacionais e profissionais, falta de mão-de-obra qualificada, índices desfavoráveis no que concerne a saúde, alfabetização, industrialização, etc., são geralmente flagrantes em muitos países latino-americanos.

Um processo que deve ser salientado é a crescente urbanização que vem ocorrendo nestes países. Esta tendência se desenvolve menos em função de uma industrialização, que é apenas incipiente, e mais devido a condições desfavoráveis do meio rural. A cidade é visualizada como uma possibilidade de ascensão social e econômica, que nem sempre ocorre, o que pode ser atestado pelos grupos marginalizados que vivem na maioria das grandes cidades latino-americanas. Nestas, frequentemente, a taxa de crescimento industrial é inferior à taxa de crescimento urbano, ocasionando desemprego e outros problemas.

Os problemas com que se deparam os países latino-americanos só podem ser enfrentados de um modo global. Atacá-los isoladamente, como se não fossem partes de um todo complexo, provavelmente redundará em fracasso e em desperdício de recursos.

O primeiro passo para a superação do estado em que se encontram países da América Latina é o estabelecimento de um programa de ação, baseado na realidade, e que seja exequível política e economicamente.

Este programa deve partir de um diagnóstico global do país que detecte suas dificuldades, pontos de estrangulamento e suas potencialidades, culminando com uma política que trace prioridades. O estabelecimento de opções por setores aos quais se dará maior

importância é fundamental, dada a escassez de recursos que impede que se invista em todas as áreas.

A criação de estratégias prioritárias está diretamente vinculada à ideia de mobilizar todos os recursos humanos e materiais disponíveis. Habilidade em abrir novos mercados consumidores no exterior, e na obtenção de financiamentos, empréstimos e auxílios do exterior fazem parte da ideia de utilizar vários meios de propiciar o desenvolvimento.

Dentro deste quadro, duas áreas parecem-me prioritárias: indústria e educação. Estas áreas oferecem ainda a vantagem de poderem capitalizar favoravelmente a tendência irreversível à urbanização.

Entretanto, para que não surjam distorções entre os setores primário e secundário é preciso, simultaneamente, promover uma racionalização da agricultura. É necessário preparar o campo para que com uma população percentualmente cada vez menor possa suprir a cidade. Isto implica numa modernização das formas de produção da pecuária e da lavoura. Esta modernização envolve reforma agrária, uso intensivo do solo, pecuária intensiva, diversificação da produção, produção dos insumos para as indústrias que utilizam matérias-primas do setor primário, introdução de técnicas que aumentem a produtividade da pecuária e da lavoura, etc. As medidas variarão de país para país, levando em conta aspectos políticos e sociais. Uma adequada política no setor primário permitirá desenvolver as duas áreas que mencionei como prioritárias.

As razões que tornam a industrialização uma necessidade imperiosa para os países latino-americanos superarem o subdesenvolvimento foram analisadas pelo economista Raul Prébisch. Demonstrou ele que a deteriorização dos termos de intercâmbio que sofrem os produtos não industrializados em relação aos industrializados faz com que os países latino-americanos necessitem industrializar-se se quiserem desenvolver-se.

Não me parece possível determinar genericamente o que os países da América Latina devem produzir, pois isto variará de país

para país, de acordo com os recursos e facilidades para a produção, bem como a existência de mercados consumidores.

A industrialização deve vir acompanhada de uma política consciente de urbanização. Duas tendências precisam ser impedidas. A primeira é a de que a urbanização se dê sob forma atomizada em várias cidades o que acabaria ocasionando que em nenhuma delas houvesse uma suficiente massa crítica de recursos humanos e materiais necessários aos empreendimentos industriais. A segunda tendência a ser evitada é a hipertrofia de apenas um centro urbano, que ficaria cercado de um deserto rural.

Para evitar estas duas tendências negativas pode-se estabelecer, através de estudos de polarização, que cidades têm condições de se constituírem em pólos de desenvolvimento e em função disto canalizar recursos e investir prioritariamente nelas, o que também induzirá uma imigração para as mesmas.

Num país que experimenta um processo de urbanização e industrialização, a educação tem de ser reformulada em suas bases. Dois seriam os objetivos gerais do sistema educacional. O primeiro consiste em preparar os indivíduos a desempenhar funções que a industrialização exige, capacitando-os profissionalmente. O segundo objetivo é prepará-los a enfrentar e promover as mudanças sociais e tecnológicas que se multiplicarão com o processo urbano-industrial e que por ele serão exigidos.

Para alcançar estes objetivos o sistema educacional deve estruturar-se com a maior flexibilidade possível, a fim de se ajustar a inúmeras necessidades que as transformações constantes do processo urbano-industrial acarretarão. Não há sentido em copiar modelos de países mais adiantados cuja realidade é outra, pois os problemas a serem superados são diferentes.

O ensino que deve ser buscado é o ensino ligado à tecnologia com vistas à capacitação profissional. O fato de se abandonar o ensino retórico e decorativo, e optar por um ensino com aplicação prática, não implica numa desumanização educacional. Este ensino vem acompanhado do desenvolvimento de hábitos e atitudes que

frisam qualidades compatíveis com a era em que vivemos. O que é suprimido é apenas o bacharelismo.

Do ponto de vista funcional, a capacitação profissional implica em considerar cada nível de ensino como terminal, e não como preparatório a um nível seguinte, pois considerável parte da população de alunos não tem condições de prosseguir os estudos até níveis mais avançados. Por isto os currículos precisam ser construídos com o objetivo de fornecer em cada nível de estudo um conjunto de recursos que permita ao aluno utilizá-lo profissionalmente.

Esta estratégia educacional se reveste de fundamental importância se nos lembrarmos que na maior parte dos países latino-americanos os jovens representam mais da metade da população. Esta camada populacional está constantemente pressionando o mercado de trabalho, que não consegue criar o número suficiente de empregos por um baixo nível de industrialização e por falta de qualificação profissional dos jovens. Esta estratégia combinada com uma política de industrialização permitiria quebrar o círculo vicioso constituindo-se num efeito multiplicador, pois ao mesmo tempo em que cria novos empregos, transforma os empregados em consumidores.

Se cada nível de ensino é considerado como terminal é preciso que a qualquer momento o aluno possa voltar aos estudos de acordo com suas necessidades. O estudo não se daria exclusivamente na escola, mas através de várias outras instituições.

A televisão pode ser usada com bons resultados como meio educacional, as fábricas podem ministrar cursos a seus operários, o exército pode fornecer instrução aos que nele ingressam sem preparo, ao mesmo tempo que utiliza os que tiveram uma formação mais completa como professores. Todos estes estudos teriam validade mediante exames que os aferissem.

Dentro deste sistema educacional, a universidade deve ser uma instituição-chave, essencialmente ligada ao desenvolvimento do país. Isto equivale a considerá-la não como um mero depositário de conhecimentos, mas como um agente de mudança, preocupado na resolução de problemas do país e na criação de soluções que

propiciem o desenvolvimento almejado. Neste sentido os centros de pesquisa e de estudo universitários devem desempenhar um papel importante, fornecendo o apoio científico e tecnológico indispensável a um país que inicia um processo de industrialização e desenvolvimento.